



**CORPOS ARDENTES, DESEJOS LATENTES: CONFIGURAÇÕES
HOMOERÓTICAS EM *ABJETOS: DESEJOS*, DE ANTONIO DE PÁDUA DIAS
DA SILVA**

Flávio Pereira Camargo¹

Resumo: Neste artigo, temos como objetivo analisar as formas de subjetivação do desejo gay em duas narrativas de *Abjetos: desejos* (2010), do escritor e crítico Antonio de Pádua Dias da Silva, que revela ao seu leitor uma multiplicidade de personagens, cujos desejos são considerados pela sociedade como sendo abjetos, justamente por se tratar de um desejo gay. Para tanto, partimos, inicialmente, de um percurso teórico-crítico sobre a literatura gay ou de temática homoerótica e sobre os modos diversos de subjetivação desse desejo em nossa cultura.

Palavras-chave: literatura gay; desejo gay; homoerotismo; narrativa brasileira contemporânea.

Abjetos: desejos, publicado em 2010, pelo escritor e crítico Antonio de Pádua Dias da Silva é o quarto livro² de contos publicados pelo autor. Trata-se de um livro composto por narrativas curtas, por meio das quais o escritor nos apresenta personagens que estão em constantes deslocamentos em busca do outro do mesmo sexo para saciar um desejo interior e também para suprir uma carência afetiva.

O próprio título do livro nos remete aos desejos desses personagens: um desejo que é considerado abjeto, desprezível, sem importância. O desejo como abjeto, justamente porque essa abjeção está relacionada ao fato de o desejo dos personagens gays serem pelo corpo do outro do mesmo sexo, que é objeto tanto de investimento erótico e sexual, quanto de afetividade. Mas esse desejo também é considerado abjeto porque em relações entre dois homens, há sangue, há dor, há suores, há líquidos seminais e há a merda, mas há, sobretudo, prazer e satisfação de um desejo interior.

¹ Professor Adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Tocantins/*Campus* de Araguaína. E-mail: camargolitera@uft.edu.br ou camargolitera@gmail.com

² O autor já publicou os seguintes livros de contos: *Sobre rapazes e homens* (EDUEPB, 2006), *Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão* (EDUEPB, 2008) e *Eis o mistério da fé* (Realize editora, 2009). Recentemente, ele publicou seu primeiro romance: *Mosaicos azuis desejos* (Giostri, 2011).

Eve Sedgwick (1985, p. 1-2), em *Between men*, afirma que a palavra *desejo* revela uma potencialidade erótica, além de permitir a possibilidade de nomear uma *estrutura* em sentido análogo ao da psicanálise – “libido” –, não para nomear uma emoção ou um sentimento particular, mas a força social ou afetiva, principalmente quando esta manifestação é hostilizada e odiada ou, algumas vezes, invertida, formando importantes relações de amizade entre homens em diferentes espaços de sociabilidade, o que é por ela denominado como “male homosocial desire” – desejo homosocial masculino.

O desejo, assim compreendido, está associado aos impulsos sociais, cuja ênfase recai no erotismo dos corpos que despertam os desejos latentes. É justamente esta associação do desejo aos impulsos sociais que nos remete às distintas relações entre homens em espaços estritamente masculinos, nos quais prevalece o preconceito e a discriminação em relação ao desejo gay.

O termo “homosocial”, segundo a referida autora, é usualmente empregado na história e nas ciências sociais para descrever vínculos ou laços sociais entre pessoas do mesmo sexo. Trata-se, pois, de um neologismo formado com “homossexual” e, também, é obvio, para se distinguir dele, pois homosocial se refere, neste caso, às atividades com “vínculos estritamente masculinos” que em nossa sociedade são caracterizados intensamente pela homofobia, pelo medo e pelo ódio aos sujeitos homoafetivos.

Neste sentido, o que percebemos em nossa sociedade é certa fobia em relação às “amizades particulares” ou às amizades masculinas, que dizem respeito a um modo de vida gay, a uma existência marcada por conflitos, por questionamentos, pela interdição, pelo medo, mas, principalmente, pelo desejo de possuir o outro, de tê-lo em seus braços e com ele estabelecer relações afetivas e/ou sexuais, pois “desejar rapazes é desejar rapazes” (FOUCAULT, 1981).

É esta espécie de “desejo-inquietação”, de que nos fala Foucault (1981), que provoca no sujeito uma ansiedade que o leva a buscar constantemente pelo seu *objeto de desejo*, que “responde à *interioridade* do [seu] desejo” (BATAILLE, 1987, p. 20, grifo do autor). Neste caso, o objeto de desejo se restringe a uma atração entre corpos do mesmo sexo, que provocam entre si excitação e desejo. Daí a contínua peregrinação dos personagens homoafetivos pelos espaços diversos das grandes metrópoles em busca do outro para saciar sua sede de desejos. Não se trata somente de uma satisfação do desejo, mas de uma ânsia pelo outro do mesmo sexo que revela a carência afetiva de

personagens marcados pela solidão e pela angústia existencial, como veremos mais adiante em nossas análises.

Para George Bataille (1987), nós somos “seres descontínuos” e, portanto, buscamos no outro a nossa continuidade, que está associada à satisfação de nosso desejo erótico, e também ao próprio erotismo dos corpos. Por isso a busca constante pelo outro para o contentamento da latência de nosso desejo erótico interior.

É justamente a interioridade desse desejo erótico que a diferencia da atividade sexual, pois enquanto esta está relacionada à reprodução, o desejo erótico corresponde a uma satisfação da interioridade do sujeito, que estabelece, portanto, uma transgressão em relação aos padrões preestabelecidos, uma vez que o desejo erótico pode ocorrer tanto entre dois homens quanto entre duas mulheres e não apenas entre um homem e uma mulher.

Esses vínculos afetivos e sexuais entre homens, e também entre mulheres, são frutos daquele desejo-inquietação que pode solapar os pilares de uma heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2008) que tenta a todo o custo manter uma relação de continuidade entre sexo, gênero, desejo e práticas sexuais, a partir de um regime de poder-saber e prazer, ou seja, há uma tentativa de controlar as sexualidades através de práticas discursivas e de (não) subjetivação que cerceiam nossos desejos e nossas práticas sexuais, seja através dos discursos religioso e científico, seja por meio do ritual da confissão, do controle pedagógico do corpo e da sexualidade da criança, do processo de disciplinarização dos corpos e dos desejos em circunstâncias diversas, ou até mesmo da abominação das sexualidades consideradas “periféricas”, por serem consideradas “contra a natureza” ou “contra a lei” divina (FOUCAULT, 2010).

As interdições e as proibições são históricas em nossa sociedade. Elas se referem, principalmente, à tentativa de controlar, de vigiar e de punir os corpos daqueles que transgridem as normas preestabelecidas, regulando o desejo e as práticas sexuais, daí a necessidade de criação dos chamados “dispositivos de sexualidade” (FOUCAULT, 2010), tais como a pedagogização do corpo da criança, a socialização das normas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso, incluindo-se aí as práticas sexuais consideradas “anormais”, “perversas”.

Como nos mostra a história da sexualidade e os vários estudos empreendidos, entre outros teóricos, por Eve Sedgwick (1985), Judith Butler (2008) e Michel Foucault (1981, 2010), sempre houve e ainda persistem os discursos que tentam moldar

nossos corpos e nossa subjetividade aos padrões predefinidos, em uma vã tentativa de fixar e de padronizar as diferentes identidades culturais.

No caso dos sujeitos homoafetivos, instaura-se uma descontinuidade entre o sexo, o gênero, o desejo e suas práticas sexuais, que desestabilizam e subvertem os sistemas classificatórios das identidades de gênero e sexuais, expondo as fissuras e os fossos que instauram uma “crise de identidade” em relação aos padrões preestabelecidos (WOODWARD, 2007).

Essa crise de identidade decorre justamente do fato de haver representações sociais e culturais que se querem como homogêneas, marginalizando aquelas identidades que não se encaixam ou não se adéquam aos sistemas classificatórios, particularmente o que diz respeito às identidades de gênero e à diversidade sexual.

A distinção e a diferença entre essas identidades são demarcadas e definidas a *priori* como fronteiras simbólicas que estabelecem o que está incluído do que está excluído, havendo aí uma nítida exclusão das identidades dos sujeitos homoafetivos justamente por que estes sujeitos rompem as fronteiras delimitadas entre os gêneros. Portanto, seus desejos e suas práticas sexuais, assim como quase tudo o que diz respeito ao seu universo social e cultural, são rechaçados em nossa sociedade.

Por isso, recorreremos novamente às reflexões de Eve Sedgwick (1985) ao afirmar que há uma necessidade de pensarmos em um contínuo entre homossexualidade e homosociabilidade, ou entre homossexual e homosocial, que é marcado profundamente por descontinuidades e pela homofobia, que é, para a autora, uma forma de manutenção dos valores de uma estrutura patriarcal que condena veementemente as relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, particularmente aquelas que se referem ao desejo homosocial masculino.

É precisamente em decorrência dessa marginalização histórica dos sujeitos homoafetivos, de sua cultura e de seus modos de vida, que há uma necessidade de um olhar mais acurado em relação às diversas textualizações de aspectos diversos de nossa “subcultura” gay na tessitura do texto literário (BARCELLOS, 2006).

Na economia discursiva do texto literário o leitor deve estar atento às textualizações dos códigos culturais de um estilo de vida gay, ou seja, ele deve prestar muita atenção ao modo como as experiências subjetivas dos sujeitos homoafetivos são apresentadas, questionadas, reafirmadas ou discriminadas na tessitura do texto, pois há modos diversos de negação e também de reconhecimento de uma subjetividade gay circunscrita no texto literário.

Antonio de Pádua Dias da Silva (2009, 2010b), em seus estudos sobre a história da literatura brasileira gay ou de temática homoerótica, afirma que há, com certa frequência, certo silêncio em torno da produção literária brasileira que tenha como temática o homoerotismo ou aspectos diversos relacionados à cultura e ao modo de vida gay.

O resgate de produções literárias que textualizam a subjetividade gay na economia do texto literário pode levar em consideração dois aspectos: o estético e o político, pois a textualização de um estilo de vida dos sujeitos homafetivos e de seus valores sociais e culturais pode romper, em alguns casos, com aquelas representações já enrijecidas em nosso imaginário social, que compreende esses sujeitos e suas sexualidades como uma patologia.

A elaboração estética não prescinde de um posicionamento político, mas toda representação do outro é, de certa forma, política, pois ela depende de quem fala, o que e de onde fala, de que perspectiva e com quais objetivos. Por este motivo, o texto literário, enquanto objeto artístico, cultural e simbólico, que apresenta em sua tessitura uma gama de códigos culturais referentes a uma subjetividade gay, tão complexa e múltipla como a subjetividade heterossexual, também pode ser lido sob um viés político.

É por esses e outros motivos que defendemos a necessidade de elegermos essas produções literárias como objeto de pesquisa, pois elas

expõem o universo da subcultura gay: a forma como a sociedade pensa essa subcultura, sem deixar de exibir o sujeito gay na sua particularidade, sendo descrito/narrado através de recursos técnicos próprios de uma arte que se centra na sua gramática, na sua sintaxe, no seu código, como é assim a literatura de ficção, encerrando na ficcionalização do discurso aspectos de *desejos* filtrados pelo olhar gay, não como afronta a uma norma, a uma prática, a um dado cultural, mas como mecanismo de visibilização (SILVA, 2009, p. 37, grifo do autor).

Essa visibilidade tem se mostrado mais forte nas últimas décadas em decorrência tanto de aspectos quantitativos quanto de aspectos qualitativos no tocante à produção literária brasileira produzida nas últimas décadas, que traz em seu bojo uma textualização de elementos constitutivos de um estilo de vida gay. É certo que ainda há resistências, tanto por parte do público leitor – heterossexual – quanto por parte da crítica acadêmica que insiste em não dar a devida atenção a essas produções por julgar que elas não trazem contribuições relevantes para a área dos estudos literários.

Por isso, insistimos na contribuição dessas obras para dar uma maior visibilidade aos modos de vida gay, aos nossos estilos de vida, e, principalmente, por expressarem uma perspectiva que leva muitos dos leitores a estabelecerem certa identificação com os seus personagens, seus dilemas, suas angústias, suas dores, e, sobretudo, com suas carências afetivas e sexuais em uma sociedade nitidamente homofóbica.

Dito isto, no percurso de leitura das narrativas que compõem *Abjetos: desejos* (SILVA, 2010a), o leitor se depara com variados sentimentos e emoções que emanam de corpos que ardem de desejo. São estes desejos latentes que levam os personagens gays a constantes deslocamentos espaciais e temporais, em uma tentativa de suprir suas carências afetivas e sexuais. Enfim, são textos por meio dos quais o escritor perscruta um modo de vida gay, incluindo-se aí o que diz respeito à cultura, às fantasias, aos desejos e às práticas sexuais dos personagens gays.

Esse desejo-inquietação provoca nos personagens gays, da narrativa de Antonio de Pádua (2010a), uma ansiedade pelo outro de seu desejo, além de expor a fragilidade dos vínculos humanos, principalmente os afetivos e os sexuais, na modernidade líquida de que nos fala Bauman (2004), pois são relações afetivas passageiras, sem durabilidade. Enfim, não há o estabelecimento de laços afetivos mais duradouros, daí a instantaneidade e a fragilidade dos “relacionamentos virtuais” (BAUMAN, 2004, p. 12) nos quais as possibilidades românticas são cada vez mais raras no “líquido cenário da vida moderna”.

É por isso que há uma ânsia pelo outro, por afeto, por um instante que seja de sentimentos, de afetividade, de carinho e de atenção. São a solidão e a angústia existencial que marcam os sujeitos homoafetivos em suas relações líquidas, passageiras, a exemplo do que ocorre com os protagonistas dos contos “Abjeto desejo” e “Do desejo e do objeto”, que passaremos a analisar.

A efemeridade dos relacionamentos afetivos e sexuais contribui ainda mais para o sentimento de descontinuidade do ser, pois, como vimos com Georges Bataille (1987, p. 20), o desejo erótico corresponde a uma busca constante pelo objeto do desejo para a satisfação de uma interioridade do próprio desejo. Se há essa fragilidade e essa efemeridade dos relacionamentos, em especial dos homoafetivos, no caso de nosso objeto de estudo, então o sujeito está constantemente buscando a sua continuidade do ser no outro do mesmo sexo, que é o objeto de seu afeto e de seu investimento sexual.

No caso do conto “Abjeto desejo”, a epígrafe fornece ao leitor pistas sobre o enredo da narrativa. Trata-se da letra de música “Non, je ne regrette rien”, composta por

Michel Vaucaire e Charles Dumont, eternizada pela interpretação de Edith Piaf. A letra de “Não, eu não me arrependo de nada” revela ao leitor um eu lírico que rememora as lembranças de um passado marcado pelas alegrias e pelos amores fugazes, restando-lhe apenas um sentimento de solidão e o desejo de recomeçar do zero as suas novas alegrias ao lado de quem se ama.

Como vemos, a epígrafe aponta ao mesmo tempo para um sentimento de solidão afetiva e para a possibilidade de um recomeço ao lado de um verdadeiro amor, tal como ocorre com o protagonista de “Abjeto desejo”. Trata-se de um personagem que é denominado na narrativa apenas pelo pronome pessoal “ele”. Esta ausência do nome nos remete a uma experiência que não é única, singular, mas, pelo contrário, pode ser compreendida como recorrente no universo gay, sobretudo o que diz respeito à solidão e à carência afetiva, consideradas pelo protagonista como dores da alma, em uma sociedade cujos laços afetivos e sexuais tornam-se, a cada dia, mais instáveis e vulneráveis.

Neste conto, o autor se vale da estratégia narrativa de um narrador em primeira pessoa, que relata suas angústias, suas dores, sua solidão, e, principalmente, a sua carência afetiva na noite densa da metrópole, havendo, ainda, a interferência do discurso de um narrador em terceira pessoa. Trata-se, pois, de uma narrativa de si, do eu, que relata a intermitência de uma dor contínua, que pulsa em seu interior, principalmente diante da indiferença do outro em relação a sua afetividade que não é correspondida.

Se o ser busca a sua continuidade no outro de seu afeto, o protagonista, na madrugada de uma noite de sábado, em uma boate gay, senti-se um desfibrado, e pensa ao mesmo tempo em Arlon – um rapaz branco, bem educado, calmo, de família burguesa, além de ser extremamente caseiro e muito limpo – e em Mário – um espécime de “gato selvagem e afoito”, que vivia metido em brigas, em bares e em trajes sujos, pois não gostava de tomar banho e trocar de roupas –, ambos, “homens do seu afeto” (2010a, p. 28).

Apesar de sentir outros corpos, outros homens, suados, molhados, quentes, que se aproximam de seu corpo e o desejam, “ele” não corresponde a esses investimentos, pois a interioridade de seu desejo se satisfaz apenas com aqueles dois homens nos quais investe afetiva, sexual e financeiramente, pois tanto Arlon quanto Mário trocam sexo por dinheiro, não havendo, portanto, uma ativa correspondência de investimentos afetivos e sexuais entre ambos.

Paralelo aos seus pensamentos sobre Arlon e Mário, ao mesmo tempo “ele” se vê como um marginalizado:

Assumo o que sou na perspectiva que melhor me convém. Não adianta querer enfrentar todo um olho vigilante e onipresente. Em cada esquina onde meu corpo dobra encontro suado um pedaço de meu pesadelo, que ainda continua sendo ser rejeito de uma sociedade que insiste em me querer numa outra margem, distante e segregada da que abarca todos os “homens brancos” (SILVA, 2010a, p. 23-24).

Notamos, na passagem supracitada, uma referência àquela tentativa de a sociedade controlar, vigiar e disciplinar os corpos, os desejos e suas práticas sexuais dentro de um padrão preestabelecido que alija todos aqueles que não se encaixam nele, como, e.g., o nosso protagonista, que tem plena consciência da abjeção à qual está sujeito constantemente.

Trata-se, pois, de um corpo que não pesa, que não tem importância, justamente porque não se adéqua aos valores morais e sociais impostos por uma sociedade heterocêntrica. É um corpo, um desejo e uma prática sexual que são considerados como abjetos, e, como tal, são realocados à margem da sociedade, daí o deslocamento espacial do protagonista pelas ruas escuras da cidade, sozinho, triste, com uma dor na alma que revela ao leitor a saudade, a carência e a solidão. Enfim, o amor como falta e “a saudade de dois homens que [ele] inventou de amar sem ter a real noção do que sentia, por quem transgrediria as leis do mundo!” (SILVA, 2010a, p. 26).

A invisibilidade dos sujeitos homoafetivos, de suas identidades e de seus modos de vida, decorre, como vimos, de uma segregação que solapa dos homoafetivos o pleno direito à cidadania, que desconsidera o aspecto humano, como se a dor, a angústia, a solidão, a carência afetiva e sexual fossem sentimentos unicamente homoafetivos e não universais.

Arlon e Mário são os objetos de investimento afetivo e sexual do protagonista, mas este relacionamento tem como base o que Bauman (2004, p. 36) denomina de “relação de bolso”, ou seja, são relações descartáveis que são construídas e mantidas a partir de uma barganha, qual seja: sexo, disponibilidade e atenção em troca de certa quantia de dinheiro, ou de mesadas ou de presentes para saciar instantaneamente o desejo interior do outro.

Exemplar é a relação estabelecida entre Arlon e Mário com o protagonista, pois este, em seu momento de crise e de angústia existencial, resolve ligar para ambos. Arlon está com o celular desligado, e Mário, após ter se encontrado e se refestelado com a

namorada, está dormindo um sono profundo, do qual desperta depois de insistentes chamadas. Ao atender, ele ouve do outro lado da linha o chamado desesperador do protagonista: “Alô? Mário? Sou eu, preciso ter você ainda hoje, pode ser? Estou indo pra casa. Se tu puder, passa aqui pela esquina da Irineu Joffily com a Floriano Peixoto, tá? Tá certo, to indo, respondeu com uma voz macia de quem está com bastante sono e não sabe o que está respondendo” (SILVA, 2010a, p. 29).

Após Mário encontrar-se com “ele”, ambos seguem para o apartamento de sempre, e lá o protagonista, aos prantos, expõe suas angústias e suas inquietações ao outro, que não lhe dá tanta atenção devido ao sono. Mas não é apenas por causa do sono, é mais do que isso, pois a sua indiferença está relacionada à falta de companheirismo do outro, uma vez que se trata de uma “relação de bolso”, o que exime Mário do fato de ter que demonstrar algum interesse físico, alguma atração, ou até mesmo afetividade e amor pelo outro.

Ciente dessa indiferença, das ausências e de suas carências, “ele” se sente mais sozinho, amargurado, triste, e consciente da relação descartável na qual está inserido, sentindo-se, inclusive, como um reles objeto que é “usado apenas uma vez, por vez” (SILVA, 2010a, p. 30).

Para saciar seu desejo pelo outro, mesmo não havendo uma correspondência, dado o caráter pecuniário da relação entre ambos, “ele” investe afetiva e sexualmente sobre o corpo de Mário, sentindo seu calor, seus cheiros, inclusive os requícios de perfume de mulher nas entranhas mais íntimas dele, oferecendo ao outro de seu desejo o seu corpo, o seu afeto, que não é retribuído, como ocorre, e.g., ao abrir a boca de Mário para lhe beijar e sentir resistência, pois ele evitava o beijo, a carícia.

Afinal, Mário estava ali para cumprir seu dever, saciar apenas o desejo sexual do outro e não para dar carinho, afeto e atenção aos seus devaneios e às suas angústias, tanto que ele se mantém na mesma posição o tempo todo enquanto o protagonista suga-lhe o seu membro até “sangrar em leite violado” (SILVA, 2010a, p. 31).

Mário goza e de certo modo sacia o seu desejo, mas o outro, vazio que está, no afã de sentir o outro em suas entranhas, em seu íntimo, engole de uma só vez todo o líquido espermático que acumulara em sua boca. A ingestão, contudo, provoca no protagonista um “sentimento de culpa: por estar sozinho, por não ser amado, por nem ao menos ser desprezado” (SILVA, 2010a, p. 31), o que contribui para acentuar ainda mais a sua angústia existencial e a sua solidão, principalmente a partir do momento em que vê sua imagem refletida no espelho e tem consciência de que seu corpo não é jovem,

belo e com uma pele viçosa, pelo contrário, os anos passaram, seus cabelos estão brancos e a pele marcada pelos “verões pesados e fortes” (SILVA, 2010a, p. 32).

Esses sentimentos levam o protagonista a tomar uma atitude considerada drástica pelo narrador, o suicídio. Antes, porém, “ele” escreve um bilhete para os dois homens de seu afeto, no qual afirma, entre outras coisas, que a

pior coisa do mundo é você estar no mundo rodeado de pessoas e não ter ninguém com quem compartilhar seus segredos, seu cotidiano, suas esperanças. Amo muito o mundo, mas amo muito a paz, o sossego. Não estou bem. Embora partindo, penso como disse Edith Piaf, *Non, rien de rien, non, je ne regrette rien*. A todos um adeus e que possamos nos encontrar um dia, seja nas alvuras celestes ou nas profundas do...Eu (SILVA, 2010a, p. 33).

Como se vê, o bilhete escrito rapidamente pelo protagonista revela aos homens de seu afeto e ao leitor o motivo que o levou a abrir mão da própria vida, se “ele” não encontra a continuidade de seu ser no outro de seu afeto, por não haver uma correspondência afetiva e sexual, é na morte que “ele” vê essa possibilidade de encontrar-se consigo mesmo, com a paz e a felicidade que tanto almeja.

Em meio a uma sociedade que alija certas identidades de gênero e sexuais do centro, marginalizando as suas subjetividades e seus modos de vida por não se enquadrarem nos padrões preestabelecidos, “ele” vê como saída apenas a morte, embora o narrador acredite ser “melhor solidão em vida, passeios sem gente, piquenique sem criança, amor platônico” (SILVA, 2010a, p. 34).

Ao descer do seu apartamento, no sétimo andar do prédio, “ele” vaga pelo asfalto como que em busca de algo, até que surge um Honda Civic em alta velocidade sobre o qual “ele” joga o seu corpo, que é arremessado, todo fraturado, contra um muro a cerca de dois metros, perímetro no qual se vê muito sangue e partes de seu cérebro. Ali, naquela posição, todo arrebatado, aquele corpo, inerte, agora sem pulsão de vida, aparenta uma dor que é ainda maior que a dor da alma.

O esfacelamento do corpo condiz com a dilaceração de seus sentimentos angustiantes em vida, pois fora marginalizado, rechaçado, deixado de lado pelo outro de seu afeto. Afinal, Mário “não sabia se chegava perto do corpo para prestar as últimas homenagens, se saía de fininho para que não fosse percebido e apontado como michê do defunto, e isso poderia lhe trazer complicações, principalmente as morais” (SILVA, 2010a, p. 34).

O corpo do protagonista não é considerado um corpo que pesa, que tem importância, justamente por que há uma descontinuidade entre o sexo, o gênero, o desejo e as suas práticas sexuais, que não são consideradas como legítimas, portanto, não são reconhecidas como limpas, saudáveis e morais por grande parte de nossa sociedade.

A exclusão e a marginalização dos homoafetivos não consideram esses sujeitos como humanos, mas apenas como corpos abjetos que podem ser excluídos, banidos, do meio social, jogados à margem, à sarjeta, abandonados inclusive por aqueles que julgávamos ser o outro de nossa afetividade, como ocorre com Mário, que escolhe não se aproximar do corpo do amante devido ao receio de ser apontado como michê, como um homem que faz sexo com outro somente por dinheiro, o que poderia lhe render complicações de ordem moral e social, pois esta não é uma prática moralmente aceita em nossa sociedade.

Como se vê, há nessa narrativa de Antonio de Pádua uma textualização de vários elementos constitutivos de um modo de vida gay ou de uma subcultura gay, entre os quais destacamos a solidão e a carência afetiva e sexual em uma sociedade que marginaliza determinadas identidades de gênero e sexuais, simplesmente por que elas transgridem normas e regras preestabelecidas.

Trata-se, pois, de uma exclusão que é ao mesmo tempo social, cultural e histórica, sendo, de certa forma, questionada, problematizada, na tessitura da narrativa ao trazer para a economia do texto literário uma perspectiva gay sobre o seu próprio universo, expondo as chagas de um corpo marcado por vários signos constitutivos de sua subjetividade, tais como o modo de se vestir, de andar, de dançar, de experimentar a vida como um todo. É, portanto, um desejo interior de um corpo cuja performance destoa daquela estabelecida como padrão de masculinidade heterossexual.

Enfim, é um corpo que, como qualquer outro, se nutre de afeto, de atenção, de amor, de carinho, de sensualidade, de desejo e de tesão. Esse corpo não deve ser tratado apenas como um abjeto, mas como o corpo de um ser humano, cuja subjetividade busca no outro de seu afeto a sua continuidade, a satisfação de seu desejo interior, e, portanto, é sim um corpo que também tem o seu peso, a sua importância.

Ao contrário de “Abjeto desejo”, no conto “Do desejo e do objeto”, o próprio título remete o leitor à ausência do sentimento de abjeção, pois a ênfase, neste caso, recai no desejo e no objeto desse desejo, isto é, no desejo que emerge entre dois corpos masculinos.

Neste conto, temos um protagonista que narra seus medos e suas aflições diante do surgimento de um novo sentimento para ele, pois “[n]unca soube de verdade o que era ter o rastro do outro. Creio que ainda não sei. Talvez esteja inaugurando uma nova linguagem” (SILVA, 2010a, p. 45). Trata-se, pois, de uma linguagem corporal do desejo, que é expressa na articulação de gestos comedidos, pensados, lentos, mas intensos, pois o desejo pelo outro de seu afeto provoca a excitação e o tesão.

Não é apenas uma nova linguagem que ele está descobrindo, mas também uma “nova linhagem”, a linhagem dos homens que sentem desejos por outros homens, daí a inauguração do rastro do outro, representado na narrativa por Erinaldo – um amigo de longa data do protagonista – que desperta nele o seu desejo, daí o medo dessa inquietação provocada por um “sentimento ainda inacabado”. Assim como no conto anterior, aqui o protagonista também demonstra a sua carência afetiva ao afirmar que até aquele momento “nunca soube de verdade o que era ter o rastro do outro”, o que nos remete novamente àquela fragilidade das relações afetivas e sexuais na contemporaneidade.

No caso de Erinaldo – um homem com pouco mais de vinte anos, militar, casado com uma mulher, com quem tem uma filha – a sua afetividade pelo protagonista se revela no exato momento em que ele lhe dá de presente de natal um objeto simbólico, uma munição de AR 15, com mais ou menos 10 centímetros de altura, cuja força bélica foi morta por Erinaldo ao colocá-la por mais de um mês na geladeira. O presente é dado por ele ao protagonista como um gesto de amizade entre dois homens, de afeição, e, ao mesmo tempo, como uma espécie de talismã para que o outro sempre se lembre dele, sobretudo ao ver a munição em pé, apontada para cima, o que nos remete a um símbolo fálico, portanto, relacionado ao pênis. Aliás, o próprio formato da munição lembra um falo ereto, o que evidencia ainda mais a virilidade masculina e, também, o próprio desejo que o amigo sente por ele: “Disse que era amigo. Que me queria muito. (E eu o desejava. Latejava de desejo ao ouvi-lo falar num tom fraterno). Eu disse que o queria todos os dias, caso ele assim o quisesse. Ele me falou da filha, da família e de seu *instinto de homem* (SILVA, 2010a, p. 47, grifo do autor).

O sentimento de amizade entre os dois homens, como se vê, remete a um aspecto caro ao estilo de vida gay, qual seja: a amizade como modo de vida gay, por meio da qual se pode camuflar uma relação erótica entre homens. No caso de Erinaldo e do protagonista, trata-se de um sentimento de amizade que oscila entre o querer, o desejo e o sentimento fraternal, amigável, que tem como um de seus obstáculos o fato

de Erinaldo ser casado com uma mulher e ter uma filha. Outros fatores se referem aos aspectos de ordem social e cultural, e, principalmente, ao fato de ser um militar. Mas o seu “instinto de homem”, o seu desejo pelo outro do seu afeto, neste caso, o seu amigo, é mais intenso, o que o leva inclusive a se aproximar mais dele, tocando seu rosto, sua pele, seu corpo, sentindo-se cada vez mais excitado.

Trata-se, pois, de um desejo latente pelo objeto desse desejo, o corpo do amigo, que não lhe causa nenhuma repulsa, pelo contrário, o atrai cada vez mais, de modo que sua ereção, perceptível no calção que estava usando, pode ser comparada à munição do AR 15 dada como presente ao amigo. O detalhe se refere ao fato de que, ao contrário da munição que teve sua força bélica morta, o falo de Erinaldo apresenta-se em riste, denunciando sua virilidade, seu desejo e sua atração pelo corpo de seu amigo.

O corpo do protagonista, como objeto de desejo, neste caso, não é visto em momento algum como uma rele peça a ser usada e descartada como no conto anterior, pelo contrário, há uma valoração do corpo, da subjetividade e da afetividade, que é, inclusive, mútua, sendo correspondidas entre os dois personagens masculinos.

No entanto, apesar da latência do desejo de Erinaldo pelo amigo, ele afirma que teve apenas uma experiência, na qual ele “não se sentiu bem, porque teve que comer o outro à força, contra a sua *natureza*. Disse que o homem com quem saíra era gordo e branco” (SILVA, 2010a, p. 47). Contra a sua natureza justamente porque o corpo do outro não despertou nele o seu desejo, por isso não houve uma conexão entre ambos, uma vez que Erinaldo não sente desejo por um corpo gordo e branco, ao contrário do corpo de seu amigo que é magro e tem pele morena. O sentimento que emana de Erinaldo pelo protagonista é afetuoso e fraternal, expressando um cuidado, um carinho e um jeito especial no jeito de falar, de tocar, de sentir seu corpo, seu calor, seu cheiro. Enfim, é uma atração que não é somente física e sexual, mas também é afetiva.

A aproximação entre ambos, juntamente com a atração e o desejo que Erinaldo sente pelo amigo, leva-o a beijá-lo intensa e vagarosamente, como que experimentando aos poucos aquela sensação despertada no interior de ambos: um desejo mútuo pelo outro de seu afeto. No entanto, não há entre ambos a concretização do ato sexual, somente as preliminares, o roçar o corpo um do outro, sentindo cada qual o sexo do outro excitado, latejando de desejo. Uma experiência nova, ímpar. Enfim, inaugura-se em ambos o rastro um do outro, decorrente de um sentimento e de um gesto que ainda não tinham pleno domínio sobre ele, tanto é que ambos “tem vontade de querer de novo” (SILVA, 2010a, p. 49), de querer cada vez mais, pois o desejo interior pulsa a

cada momento com maior intensidade, mas há, no meio do caminho, uma filha que espera pelo pai.

Nesse sentido, Erinaldo, que não sabe muito bem o que fazer com esse sentimento e esse desejo recém-descoberto pelo amigo, diz a ele que sempre irá protegê-lo: “_ Vou estar sempre atrás de você, te guardando! Que fosse! Pensei! Que viesse. *De frente, de trás: me pega rapaz!* Saiu com um andar cambaleante. Limpava a ‘boca ainda marcada por um beijo meu’” (SILVA, 2010a, p. 50, grifo do autor).

Ao sair do prédio do amigo, Erinaldo inaugura nele um rastro que não se apaga, que permanece vivo em sua lembrança, em sua memória, pois é Erinaldo que o toma como objeto de seu desejo e de sua afeição, daí a saudade e a esperança de estar novamente ao lado de Erinaldo, que, ao sair do prédio do amigo, exalando felicidade, antes de dobrar a esquina, lembra-se de uma letra de música, que ele canta, quase sussurrando: “_ *O meu erro foi crer que estar ao teu lado bastaria, ai meu deus era tudo o que eu queria*” (SILVA, 2010, p. 50, grifo do autor).

O intertexto que o autor traz ao final da narrativa é da música “Meu erro”, da banda *Os Paralamas do Sucesso*, o que reforça ainda mais o tom da narrativa, qual seja, o fato de que há um desejo, e o objeto desse desejo é o corpo de um amigo, que desperta em Erinaldo um sentimento adormecido, que não se contenta somente com um sentimento de amizade fraterna, mas que não se concretiza devido a uma série de obstáculos, entre os quais a família.

Ao final dessas breves reflexões sobre esses dois contos em questão, observamos que há certa mudança de foco. Em “Abjeto desejo” temos uma experiência que expõe a fragilidade dos laços humanos no contexto da modernidade líquida, e mesmo havendo a satisfação sexual, esta é seguida do sentimento de solidão e de carência de afetividade do sujeito homoafetivo. Por sua vez, no conto “Do desejo e do objeto”, não há a concretização do ato sexual em si, mas uma relação de amizade masculina que aponta para a manutenção de um desejo e de uma afeição entre dois homens em contextos adversos, inaugurando no outro de seu afeto um rastro permanente, que sobrevive até mesmo à distância temporal e espacial.

No decorrer de nossas reflexões, procuramos demonstrar como a produção literária de Antonio de Pádua traz uma nova perspectiva sobre os modos de vida gay, contribuindo de modo expressivo para o reconhecimento de uma literatura gay no campo literário brasileiro, com as suas especificidades inerentes ao próprio gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, José Carlos. Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas. In: _____. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006, p. 07-103.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 151-172.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

FOUCAUT, Michel. *De l'amitié comme mode de vie*. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, publicada no jornal *Gai Pied*, nº 25, abril de 1981, p. 38-39.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between men*. English literature and male homosocial desire. New York: Columbia University Press, 1985.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Especulações sobre uma história da literatura brasileira de temática gay. In: ____ (Org.). *Aspectos da literatura gay*. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2008, p. 25-50.

_____. Quando a questão estética entra em cena: considerações teóricas sobre a literatura brasileira de temática homoerótica. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da; CAMARGO, Flávio Pereira (Orgs.). *Configurações homoeróticas na literatura*. São Paulo: Claraluz, 2009, p. 35-50.

_____. *Abjetos: desejos*. Olinda: Livro Rápido, 2010a.

_____. Incursões teóricas sobre o conceito de literatura gay. In: *Sociopoética: dossiê “Literatura e estudos de gênero”*. Campina Grande, v.1, n. 5, p. 55-72, jan./jul., 2010b.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 7-72.